

PANÚNCIO-PINTO, Maria Paula. Introdução e história da terapia ocupacional: apostila básica. Uberaba: UNIUBE, 2002 (84 páginas) PP 41-46.

2.7 A Atividade Como Instrumento de Intervenção do TO

2.7.1 A Atividade Humana Como Recurso Terapêutico¹

Considerações Gerais. Sempre existiu uma preocupação em caracterizar a Terapia Ocupacional de forma única, preocupação que também reflete a busca por identidade profissional. Uma dificuldade a essa caracterização é representada pelas diferenças encontradas nas práticas do to com uma mesma população.

Os primeiros princípios teóricos buscaram identificar o significado da ocupação humana. A evolução das teorias e práticas terapêuticas, diferentes filosofias e ideologias hoje geram diferentes modelos teórico-práticos, diferenças que refletem mais que uma questão de método.

É sempre importante ter em mente que a to lança mão de diversas ciências para se efetivar. E falando em “ciência” é interessante refletir que a tradição de supervalorização da objetividade acabou por dividir o homem em grupos de estudos (física, química, biologia, psicologia, sociologia, antropologia, economia) que geram ciências que não se ouvem, não conversam entre si. Esquece-se do homem integral, no mundo. A neutralidade científica separa o homem do contexto em que ele vive, o fragmenta. E a ciência continua cumprindo sua função de reafirmar verdades de interesse. As teorias científicas têm a pretensão de oferecer receitas validas universalmente.

Retomando, o problema da to e da identidade profissional residiria nas diferentes visões de homem e de mundo, que geram diferentes práticas profissionais.

Primeiros Princípios. A TO buscou inicialmente o significado da ação humana, da ocupação. Kielhofner (1982, apud Francisco, 1988) definiu que **(1) os humanos possuem uma natureza ocupacional, (2) a doença interrompe/rompe a ocupação e (3) a ocupação é um organizador do comportamento.** Mayer (apud Kielhofner, 1892) diz que a atividade é inerente à essência humana e que o homem, enquanto organismo tem necessidade fundamental em ocupar-se e trabalhar. O trabalho e a ocupação são o alimento e o ar, necessários à sobrevivência, à organização e ao equilíbrio do corpo, dado pelo ritmo do trabalho (trabalho/descanso/lazer/sono). Sob esse prisma, é a produtividade que garante a sobrevivência da espécie.

¹ Extraído de Francisco, B. R. Terapia Ocupacional. Campinas: Papyrus, 1989.

Atividade exercício. Sob influência do reducionismo (1940,50) passou-se a buscar novas estratégias de aplicação da ocupação, dentro desse modelo. O reducionismo é um modelo médico centrado na biofísica e bioquímica, associado à perspectiva psicanalítica (microscópio + divã). Nessa realidade terapia ocupacional virou sinônimo de exercício, ou seja, o valor da to passou a ser obter exercício pela atividade. O modelo mecânico substituiu o modelo anterior, de um homem adaptado ao meio social, possuidor de uma ocupacional, essencialmente. A atividade exercício é voltada para as partes lesadas, seu ponto de partida é a patologia. Trabalha preferencialmente mãos, ombros, articulações, músculos, memória e atenção. Principais estratégias são: exercícios progressivos de resistência, avds e suportes funcionais. Nesse modelo observa-se uma configuração de procedimentos: *(a) análise da atividade* – propriedades específicas da atividade (exigências físicas, mentais) estratégias para realização, estruturação em etapas/fases, repetição, série de ações; *(b) adaptação da atividade* – possibilitar o exercício da função lesada, critérios para adaptação da atividade (+ ação que posicionamento, utilização graduada, repetição, divisão em etapas) e *(c) seleção e graduação da atividade* – restaurar ações perdidas/prejudicadas, aumentar ou restabelecer a tolerância ao trabalho, desenvolver destrezas especiais.

Atividade produção. A Teoria Geral dos Sistemas e a Psicologia Aplicada ao Trabalho trouxeram o conceito social de produtividade e adaptação: o homem dentro do sistema, como uma peça. Nessa perspectiva a TO deve resolver os problemas de desempenho, para favorecer a produtividade, desenvolver habilidades. Tal modelo recusa a críticas às estruturas sociais, traz uma concepção terapêutica manipuladora. Reilly (1979, apud Francisco, 1988) fala em “encorajar um encontro aberto e ativo com tarefas do seu papel de vida”. Mosey (1979, apud Francisco, 1988) fala em “desenvolver capacidades, habilidades e destrezas necessárias para a vida satisfatória e produtiva...” e “uma vida confortável e produtiva requer capacidade de adaptação.” Os procedimentos envolvem análise e graduação da atividade e compatibilização com condições sociais. A aplicação da atividade reproduz características do taylorismo: trabalho repetitivo, cisão entre o pensar e o fazer, o paciente faz, o terapeuta manda (pensa).

Atividade expressão. Os Fidler e os Azima (1950, 1960) trouxeram um entendimento psicodinâmico da ação em TO, o princípio – embasado na teoria freudiana das relações objetais, de que o fazer humano é carregado de conteúdos simbólicos:

“A expressão de sentimentos, atitudes, idealizações, em nível não-verbal, na compreensão do inconsciente pois emoções e idéias mostradas na ação são menos passíveis de vir sob defesa de mecanismos intelectuais.” Fidler & Fidler, 1960, apud Francisco, 1988

Nesse modelo o produto e o trabalho de fazê-lo são secundários ao julgamento de como ambos afetam suas relações com os outros. Neste caso a ocupação é a ferramenta de manipulação de relações e o valor está na psicodinâmica das ações do sujeito. A relação terapeuta-paciente é supervalorizada (1), bem como a atividade (2). Ambos, atividade e terapeuta, são recursos terapêuticos. Nise da Silveira (1981, apud Francisco, 1988) fala da importância de se criar oportunidade para que as imagens do inconsciente e seus concomitantes motores encontrem formas de expressão (“dar forma às desordens internas”). Na perspectiva da atividade expressão, os procedimentos não são tão sistematizados. Dois conceitos são importantes: (a) *Livre Produção* – atividade sem estrutura inicial, liberdade de escolha de objeto, material, técnica, escolha sem interferência do TO, usado para diagnóstico; (b) Material Projetivo – todo o processo da atividade está carregado de informações (material projetivo), desde a preparação (escolha, objeto, atitudes), produção/acabamento até a associação e interpretação.

Atividade criação/transformação. Esse modelo de uso terapêutico da atividade requer uma revisão da visão marxista de homem e natureza e uma reflexão sobre a práxis. A *visão marxista* de homem propõe um homem essencialmente prático, material, produzindo um mundo humano. Através da produção o homem projeta-se no mundo dos objetos produzidos por seu trabalho: integra a natureza ao mundo humano quando a transforma e é por ela transformado, de acordo com suas necessidades. Para Marx, a evolução humana ocorre dentro da história . Fromm (1979, apud Francisco, 1988) nos fala que “a história é o processo de criação do homem por si mesmo, pela evolução no processo de trabalho.” Nessa perspectiva entende-se todo o comportamento individual como produto do social e o homem como um ser social e histórico, que produz, cria e transforma a natureza e a si mesmo através do seu trabalho. Sobre práxis, Sánches Vásquez nos diz que “toda práxis é atividade mas nem toda atividade é práxis” (apud Francisco, 1988). Isso porque a atividade em geral pode ser considerada como todo ato ou conjunto de atos de um sujeito ativo, que age ou atua, modificando uma matéria-prima que origina um produto ou resultado, mas a atividade humana refere-se a

atos dirigidos a um objeto para transformá-lo, com a finalidade de atingir determinado resultado ideal, e chega a um produto. É a finalidade (ou objetivo) que antecede a ação (planejamento) que torna atividade em práxis. O homem é produto da consciência: pensamento=> finalidade/mediação=>ação. É a atividade da consciência que leva à práxis, ao trabalho, à criação artística. A ação real, objetiva, material:

“O objeto da atividade prática é a natureza, a sociedade ou os homens reais. A finalidade dessa atividade é a transformação real, objetiva do mundo natural ou social, para satisfazer determinada necessidade humana.” (Sánchez Vásquez, apud Francisco, 1988)

Há que se considerar **duas formas de práxis**: **(a) produtiva**, gerada por necessidades prático-utilitárias, e **(2) criadora**, gerada pela necessidade de criação, expressão e objetivação. A práxis criadora permite encontrar novas soluções para situações de vida, permite um processo aberto e ativo no qual teoria e prática caminham juntas, estimulando a consciência. Tal perspectiva de aplicação da atividade como recurso terapêutico permite um entendimento da atividade enquanto práxis, coloca o cliente como agente ativo, fazedor de mudanças, “partner” no processo terapêutico e permite lidar com a realidade de vida e promover transformações em si mesmo e em seu meio social.

2.7.2 Análise de Atividade: Algumas Considerações²

Terapeuta Ocupacional deve entender-se como um agente social, comprometido com a questão do trabalho humano, consciente da intencionalidade política implícita em sua prática (Medeiros, 1989). Nessa óptica, a análise da atividade deve assumir uma perspectiva mais abrangente e efetiva para a prática social do terapeuta ocupacional: não se trata de examinar a atividade e determinar seus componentes juntando diferentes focos e modelos de análise, mas de compreendê-la em sua historicidade, percebê-la sob vários significados e valorações (Medeiros, 1989).

Além disso, a análise de atividade reflete a postura teórica e ideológica do profissional e serve para definir sua utilização (da atividade) na **intervenção terapêutica**. A análise de atividade deve ser um processo reflexivo (que se baseia na visão de homem, mundo, sociedade, evolução e transformação) e um método de conhecimento que efetiva uma **intencionalidade** (Medeiros, 1989).

² toda bibliografia citada encontra-se no final do capítulo.

Ao analisar um atividade o terapeuta ocupacional deve analisar-se a si mesmo como sujeito que propõe uma intervenção:

- Qual a finalidade da ação?
- Quais as conseqüências para o indivíduo (paciente/cliente) e para o conjunto das práticas em saúde?
- Reproduz a fragmentação ou tenta recuperar um homem capaz de transformar a si mesmo e às condições que o prejudicaram? (Medeiros, 1989)

A atividade humana deve ser compreendida como produto e meio de desenvolvimento do homem, relacionada e condicionada pela ação de cada homem, da sociedade e da história (Machado, 1991, apud Silva & Emmel, 1993).

Na literatura encontram-se diversos modelos de análise da atividade visando identificar os diferentes aspectos envolvidos no processo da atividade:

- Fidler & Fidler (1963) => aspectos psicodinâmicos (agressividade, identificação sexual, simbologia);
- Tombly & Scott (1977) => aspectos do movimento e tônus muscular;
- Francisco (1988) => habilidades motoras, sensoriais, cognitivas, emocionais, sociais (Silva & Emmel, 1993).

A análise da atividade é procedimento básico para conferir cientificidade ao uso da mesma e deve possibilitar conhecimento detalhado da atividade, além de observação de suas propriedades específicas (Francisco, 1988).

A atividade permite estabelecer uma ponte entre a realidade interna e o mundo externo. Em terapia ocupacional envolvem o contexto do objetivo dirigido de uso do tempo, energia, interesse, atenção. Além disso, atividades são os agentes primários para o aprendizado e desenvolvimento de uma fonte essencial de satisfação (Hopkins & Smith, 1978).

2.7.3 Algumas Características Importantes da Atividade (Para o Terapeuta Ocupacional)

- Objetivo
- Significado para o cliente (valor, utilidade)
- Envolvimento (prazer, interesse)
- Prevenção, manutenção, recuperação de habilidades essenciais para o desempenho de papéis na vida;

- Determinada pelo terapeuta ocupacional através de julgamento baseado em conhecimento (desenvolvimento humano, patologia, concepção de saúde-doença; relações interpessoais – Hopkins & Smith, 1978).

2.7.4 Referências Bibliográficas

FRANCISCO, Berenice Rosa **Terapia Ocupacional**. Campinas: Papyrus, 1988.

HOPKINS, H. L. & SMITH, H. D. **Willard and Spackman's Occupational Therapy**. Philadelphia: Lippincott & CO., 1978.

MEDEIROS, Maria Heloísa. **A terapia ocupacional como um saber: uma abordagem epistemológica e social**. Campinas: PUCCAMP. Dissertação de mestrado, 1989.

SILVA, C. C. B. & EMMEL, M. L. G. Jogos e brincadeiras: roteiro de análise de atividades para o terapeuta ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da UFSCar** 4 (1-2): 46-62, 1993.